

ALAN LIGHTMAN

SONHOS DE EINSTEIN

Tradução
Marcelo Levy



Copyright © 1993 by Alan Lightman

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Einstein's Dreams

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Larissa Lino Barbosa

Mariana Cruz

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lightman, Alan

Sonhos de Einstein / Alan Lightman ; tradução Marcelo Levy. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia de Bolso, 2014.

Título original: Einstein's Dreams.

ISBN 978-85-359-2295-0

1. Einstein, Albert, 1879-1955 — Ficção. 1. Título.

14-05721

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2014

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

14 DE ABRIL DE 1905

SUPONHAMOS QUE O TEMPO SEJA um círculo fechado sobre si mesmo. O mundo se repete, de forma precisa, infinitamente.

Na maior parte dos casos, as pessoas não sabem que voltarão a viver suas vidas. Comerciantes não sabem que farão o mesmo negócio várias vezes. Políticos não sabem que gritarão da mesma tribuna um número infinito de vezes nos ciclos do tempo. Pais e mães conservam na memória a primeira risada de seu filho como se nunca mais fossem ouvi-la. Amantes, ao fazer amor pela primeira vez, despem-se timidamente, mostram-se surpresos com a coxa acolhedora, o frágil bico do seio. Como podem saber que cada olhar secreto, cada toque, serão repetidos e de novo repetidos, exatamente como antes?

O mesmo acontece na Marktgasse. Como os lojistas podem saber que cada suéter feito à mão, cada lenço bordado, cada doce de chocolate, cada bússola e cada relógio voltarão às suas prateleiras? Ao cair da tarde, os lojistas vão para casa encontrar suas famílias, ou beber cerveja nas tavernas, conversar alegremente com amigos nas galerias arqueadas, acariciando cada momento como um tesouro do qual tivessem posse apenas temporária. Como podem saber que nada é temporário, que tudo vai acontecer de novo? Tanto quanto uma formiga caminhando pela borda circular de um candelabro de cristal sabe que voltará ao ponto de partida.

Em um hospital em Gerberngasse, uma mulher se despede do marido. Ele está deitado na cama e olha-a com olhos vazios. Nos dois últimos meses, seu câncer se alastrou da

garganta para o fígado, para o pâncreas, o cérebro. Os dois filhos, ainda crianças, estão sentados em uma cadeira no canto do quarto, com medo de olhar para o pai, com as bochechas fundas na cara, a pele fenecida de um velho. A esposa vem até a cama e beija suavemente o marido na testa, sussurra-lhe um adeus e rapidamente parte com os filhos. Ela tem certeza de que esse foi o último beijo. Como pode ela saber que o tempo começará de novo, que ela nascerá de novo, estudará no colégio de novo, exibirá seus quadros na galeria em Zurique, novamente conhecerá seu marido em uma pequena biblioteca em Friburgo, novamente sairá para velejar com ele no lago Thun em um dia quente de julho, terá filhos novamente, que seu marido novamente trabalhará por oito anos no laboratório farmacêutico e chegará em casa uma noite com um caroço na garganta, novamente vomitará e acabará neste hospital, neste quarto, nesta cama, neste momento. Como pode ela saber?

No mundo em que o tempo é um círculo, cada aperto de mão, cada beijo, cada nascimento, cada palavra serão precisamente repetidos. Também o serão todos os momentos em que dois amigos deixarem de ser amigos, toda vez que uma família se dividir por causa de dinheiro, toda frase maldosa em uma discussão entre cônjuges, toda oportunidade negada por causa da inveja, toda promessa não cumprida.

E, assim como todas as coisas serão repetidas no futuro, todas as coisas que estão acontecendo agora aconteceram um milhão de vezes antes. Em todas as cidades, algumas poucas pessoas, em seus sonhos, estão vagamente cientes de que tudo ocorreu no passado. Estas são as pessoas com vidas infelizes e elas sentem que todos os seus julgamentos injustos e ações incorretas e má sorte aconteceram no giro anterior do tempo. Nas profundezas da noite, esses desgraçados indivíduos lutam com os lençóis, sem conseguir descansar, atormentados por saber que não podem mudar uma única ação, um

único gesto. Seus erros serão rigorosamente repetidos nesta vida como o foram na anterior. E são essas pessoas duplamente infelizes que dão o único sinal de que o tempo é um círculo. Pois em cada cidade, tarde da noite, seus lamentos ecoam nas ruas e nas sacadas vazias.

16 DE ABRIL DE 1905

NESTE MUNDO, o tempo é como um curso de água, ocasionalmente desviado por algum detrito, por uma brisa que passa. De vez em quando, algum distúrbio cósmico fará com que um riacho de tempo se afaste do leito principal para encontrá-lo rio acima. Quando isso acontece, pássaros, terra, pessoas apanhadas no braço que se desviou são repentinamente transportados para o passado.

É fácil identificar pessoas que foram transportadas de volta ao passado. Elas vestem discretas roupas escuras e caminham pé ante pé, tentando não fazer qualquer barulho, tentando não amassar uma folha de grama que seja. Elas temem que qualquer mudança que façam no passado possa ter consequências drásticas para o futuro.

Agora mesmo, por exemplo, uma dessas pessoas está agachada nas sombras da arcada, em frente ao número 19 da Kramgasse. Um lugar estranho para um viajante do futuro, mas lá está ela. Pedestres passam, olham e seguem seu caminho. Ela se encolhe em um canto, depois corre subitamente para o outro lado da rua e se esconde em outro ponto escuro, em frente ao número 22. Ela morre de medo de levantar alguma poeira, no exato momento em que Peter Klausen está passando a caminho do boticário da Spitalgasse nesta tarde de 16 de abril de 1905. Klausen é um tipo meio janota e detesta quando suas roupas não estão impecavelmente limpas. Se suas roupas forem atingidas pela poeira, ele parará e a espanará zelosamente, mesmo que algum compromisso o esteja aguardando. Se Klausen demorar-se um pouco mais que o necessário, poderá não comprar a pomada para sua

esposa, que há semanas reclama de dores nas pernas. Neste caso, a esposa de Klausen poderá ficar de mau humor e decidir não fazer a viagem ao lago de Genebra. E, se ela não for ao lago de Genebra em 23 de junho de 1905, não conhecerá uma certa Catherine d'Épinay enquanto caminha pelo ancoradouro da margem leste e não apresentará mlle. d'Épinay ao seu filho Richard. Richard e Catherine, por sua vez, não se casarão em 17 de dezembro de 1908, e seu filho Friedrich não nascerá em 8 de julho de 1912. Friedrich Klausen não se tornará pai de Hans Klausen em 22 de agosto de 1938, e sem Hans Klausen a União Europeia de 1979 nunca ocorrerá.

A mulher do futuro, lançada sem aviso prévio para este tempo e este lugar e agora tentando ser invisível no seu cantinho escuro em frente ao número 22 da Kramgasse, conhece a história de Klausen e mil outras histórias esperando ser desencadeadas, dependentes dos nascimentos de crianças, do movimento das pessoas nas ruas, das canções dos pássaros em certos momentos, da posição precisa das cadeiras, do vento. Ela se encolhe na penumbra e não retribui os olhares das pessoas. Ela se encolhe e aguarda que a corrente do tempo a leve de volta ao seu próprio tempo.

Quando um viajante do futuro precisa falar, não fala, choraminga. Sussurra sons sofridos. Está angustiado. Pois, se ele provocar a mínima alteração em qualquer coisa, pode destruir o futuro. Ao mesmo tempo, é forçado a testemunhar eventos sem ser parte deles, sem modificá-los. Inveja as pessoas que vivem no seu próprio tempo, que seguem suas próprias vontades, alheias ao futuro, ignorantes dos efeitos das suas ações. Mas ele não pode agir. É um gás inerte, um fantasma, um lençol sem alma. Perdeu sua personalidade. É um exilado do tempo.

Essas desacoroadas pessoas do futuro podem ser vistas em todas as cidades e vilas, escondendo-se sob os beirados dos

prédios, nos porões, sob as pontes, em campos desertos. Ninguém lhes pergunta sobre o que acontecerá, sobre futuros casamentos, nascimentos, invenções, finanças, lucros. Em vez disso, elas são abandonadas e sente-se pena delas.

É UMA MANHÃ FRIA de novembro e caiu a primeira neve. Um homem vestindo um longo casaco de couro está na sacada do seu apartamento no quarto andar na Kramgasse observando a fonte Zähringer e a rua branca logo abaixo. A leste, ele pode ver o frágil campanário da catedral de St. Vincent e, a oeste, o telhado arqueado do Zytgloggeturm. Mas o homem não está olhando para leste ou oeste. Ele está com os olhos fixos em um pequeno chapéu vermelho deixado na neve, e está pensando. Deve ir à casa da mulher em Friburgo? Suas mãos agarram a balaustrada de metal, soltam-na, agarram-na novamente. Deve visitá-la? Deve visitá-la?

Decide não se encontrar mais com ela. Ela é manipuladora e autoritária, e poderia tornar sua vida um inferno. Talvez nem estivesse mesmo interessada nele. Em vez disso, ele decide continuar na companhia de homens. Trabalha duro na farmácia, onde mal nota a subgerente. À noite vai para a *brasserie* na Kochergasse com seus amigos e bebe cerveja, e aprende a fazer *fondue*. Depois, três anos mais tarde, conhece uma outra mulher em uma loja de roupas em Neuchâtel. Ela é simpática. Faz amor com ele muito, muito lentamente, durante alguns meses. Após um ano, vem morar com ele em Berna. Eles vivem tranquilamente, caminham juntos à margem do Aare, fazem companhia um ao outro, envelhecem felizes.

No segundo mundo, o homem com o longo casaco de couro decide que precisa encontrar a mulher de Friburgo novamente. Ele mal a conhece, ela pode ser manipuladora e

seus movimentos sugerem volatilidade, mas aquela expressão suave quando ela sorri, aquela risada, aquele jeito inteligente de usar as palavras. Sim, precisa encontrá-la de novo. Ele vai até a casa dela em Friburgo, senta no sofá ao seu lado, em poucos instantes percebe seu coração galopando e sente-se minado diante da brancura dos braços dela. Eles fazem amor ruidosa e apaixonadamente. Ela o convence a mudar-se para Friburgo. Ele larga seu emprego em Berna e começa a trabalhar na agência postal de Friburgo. Ele arde de tanto amor por ela. Todo dia, ele vem para casa ao meio-dia. Eles comem, discutem, ela reclama que precisa de mais dinheiro, ele protesta, ela arremessa panelas contra ele, eles fazem amor novamente, ele volta à agência postal. Ela ameaça deixá-lo, mas não o deixa. Ele vive para ela, e está feliz com sua angústia.

No terceiro mundo, o homem também decide que precisa encontrá-la novamente. Ele mal a conhece, ela pode ser manipuladora e seus movimentos sugerem volatilidade, mas aquele sorriso, aquela risada, aquele jeito inteligente de usar as palavras. Sim, precisa encontrá-la de novo. Ele vai até a casa dela em Friburgo, encontra-a na porta, toma chá com ela na mesa da cozinha. Eles conversam sobre o trabalho dela na biblioteca, o emprego dele na farmácia. Depois de uma hora ela diz que precisa sair para ajudar um amigo, diz adeus, e eles se despedem com um aperto de mãos. Ele viaja os trinta quilômetros de volta a Berna, sente-se vazio durante a viagem de trem, sobe para o seu apartamento no quarto andar na Kramgasse, vai para a sacada e fica olhando o pequeno chapéu vermelho deixado na neve.

Essas três cadeias de eventos realmente acontecem, simultaneamente. Pois, neste mundo, o tempo tem três dimensões, como o espaço. Assim como um objeto pode mover-se em três direções perpendiculares, horizontal, vertical e longitudinal, um objeto também pode participar de três futuros

perpendiculares. Cada futuro move-se em uma direção diferente do tempo. Cada futuro é real. Em cada ponto de decisão, seja ela visitar uma mulher em Friburgo ou comprar um casaco novo, o mundo se divide em três mundos, cada qual com as mesmas pessoas mas com destinos diferentes para elas. No tempo, há uma infinidade de mundos.

Alguns não se importam com decisões, argumentando que todas as decisões possíveis ocorrerão. Em um mundo como este, como pode uma pessoa ser responsável por seus atos? Outros afirmam que cada decisão deve ser examinada e tomada com espírito de comprometimento, pois sem comprometimento há caos. Essas pessoas são felizes por viverem em mundos contraditórios, desde que saibam a razão para cada um deles.